MUITAS PERDAS E MUITO OBRIGADA

Taciana

1ª Edição

São Paulo
2014

Editora Santarém®

Taciana
Muitas Perdas e Muito Obrigada / 1ª Edição - 2014.
Ed. Santarém - Profissionais do Livro – São Paulo.

Capa, Diagramação e Editoração Eletrônica: Flávio Tadeu Ege

112 p

Nº Reg. 01227-032014

CDD 000.800

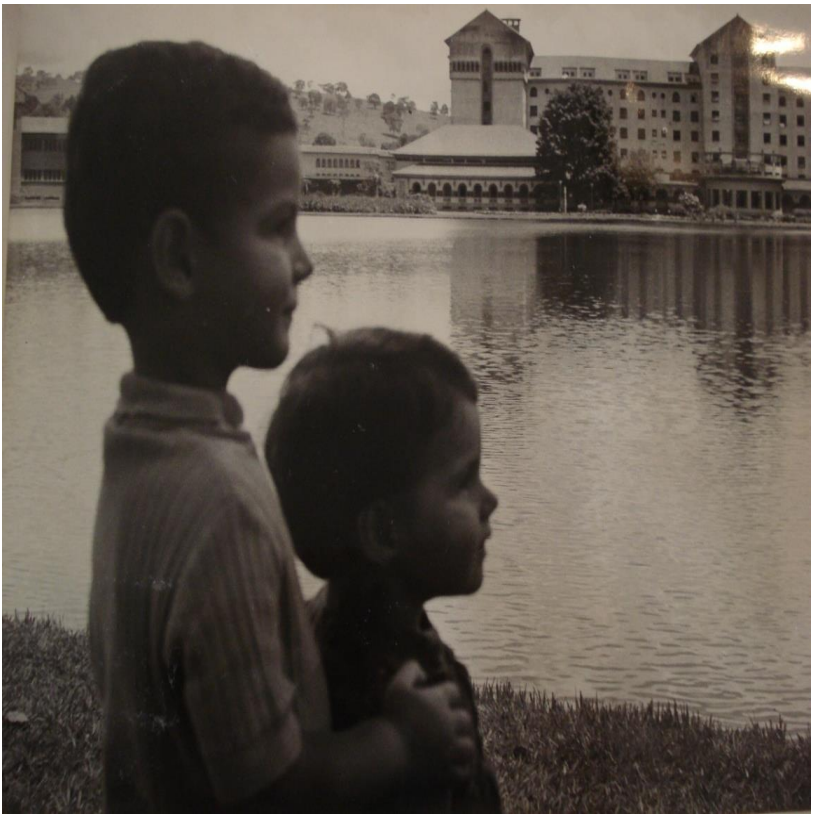
Índice para Catálogo Sistemático
Brasil – Literatura Nacional - Generalidades

Copyright ©
Todos os direitos desta edição reservados a:
Taciana

Começando Uma História...

eu casamento seria num sábado. Na véspera, estávamos na casa do meu pai, em Belo Horizonte, esperando amigos e alguns familiares para um jantar com meu irmão mais velho, que na época tinha 20 anos e morava em Uberaba, onde cursava Engenharia Civil há um mês.

Eu estava com 19 anos e sempre fui muito ligada ao Léo. Fomos inseparáveis na infância, o que me custou muitos "roxos", em brincadeiras ou mesmo em brigas. Éramos companheiros em tudo, numa casa enorme – 10 mil m² de terreno e 800 m² de área construída. Os outros dois irmãos ainda eram muito pequenos para explorar esse universo conosco, com cachorros; piscina, quadra de futebol, bicicletas, amigos em comum na rua...



Enfim, eu e Léo éramos grandes amigos, acima de tudo.

Pois naquela sexta-feira, enquanto esperávamos pelos convidados, um telefonema inesperado fez com que minha

madrasta entrasse apavorada no quarto, onde minha irmã e eu nos aprontávamos para um banho e uma "produção" mais caprichada para o jantar – eu ainda estava com uma calça jeans velha e uma camiseta de malha cinza.

Ela pediu que corrêssemos até meu pai, pois algo havia acontecido com o Léo. Fui voando até a cozinha, sem entender nada. O copo de uísque de meu pai estava esquecido na bancada. De joelhos, chorando com o telefone na mão, ele repetia para o "nada":

_O Léo morreu...

Um acidente de carro perto de Campos Altos havia terminado numa tragédia que jamais poderíamos imaginar.

No seu desespero, meu pai me pediu para ir até a igreja e tomar uma benção, ou seja, para casar logo e acabar com aquele assunto. Era hora de chorar e sentir a dor de ter perdido meu irmão. Foi o que fiz. De calça jeans e camiseta, fui com meu noivo e quem estava pela frente até a igreja, que estava toda escura.

Quando o padre chegou, acendeu luzes suficientes para um "casamento" seguido por meia dúzia de pessoas. Um casamento de uma noiva em prantos – eu olhava o tempo todo para uma escultura gigantesca de Jesus Cristo que ficava atrás do altar e só chorava. Meu Deus...

A noite não poderia ter sido mais angustiante. Naquele mesmo quarto, cheio de presentes, vestido de noiva e nenhuma alegria, tentei cochilar com minha irmã. Amanheceu e fomos nos encontrar com minha mãe, que dormira amparada pela minha avó. Estávamos todas perplexas.

No velório, olhando meu irmão tão lindo, tão jovem, tão amado, não conseguia acreditar que seria uma despedida "para sempre". Como viver sem o Léo? Olhava ao redor e via minha família e vários amigos que estavam na cidade para meu casamento. Muitas dessas pessoas eu não encontrava há anos. Olhares conhecidos e desconhecidos. Na hora de me cumprimentar, davam-me pêsames e em seguida me desejavam felicidades. Alguns se explicavam pelo presente que ainda não tinham mandado...

Reconheci, nas coroas de flores que chegavam, as rosas que enfeitariam a igreja naquele dia, para o meu casamento. Eram rosas chá; lindas. Foi uma gentileza da floricultura, que havia recebido a notícia da morte do meu irmão e do cancelamento da cerimônia de casamento. Achei delicado eles terem enviado minhas rosas para o Léo. Detalhes inesquecíveis...

O dia estava nublado e, logo após o enterro, começou a cair uma chuva fininha. Era tudo, definitivamente, muito triste, cinza e difícil de enfrentar. Chorei dias seguidos e comecei a questionar por que Deus faz isso, por que coloca na nossa vida alguém tão especial, que amamos com toda pureza e força, e, de repente, nos arranca essa pessoa assim... Que Deus é esse?

SEGUINDO EM FRENTE

Quando se casa muito jovem, é como se a brincadeira de casinha finalmente tomasse forma. Morei primeiro em um apartamento de 60 m² (bem diferente da casa da minha infância) e tudo era novinho, feito sob medida. Como trabalhávamos fora e eu ainda fazia faculdade à noite, a casa nunca estava bagunçada. Tinha cheiro de casa de boneca.